



## JASÃO SEGUNDO MEDEIA

Cinthyá Sousa Machado\* (UFRJ)

Ovídio, juntamente com Tibulo e Propércio, pertence à tríade de poetas elegíacos no período de Augusto. A elegia era um gênero lírico caracterizado pelo metro: o dístico composto por um hexâmetro e um pentâmetro datílicos. Apesar de ter surgido na Grécia antiga, foi em Roma que esse gênero se desenvolveu e adotou como principal temática a queixa amorosa. No metro elegíaco, Ovídio compôs suas obras mais importantes, entre elas destacamos: *Ars amatoria*, *Amores* e *Tristia*. Nesta última, inaugurou um novo tipo de elegia, em que abordou a temática de dor por conta do afastamento de Roma.

As *Heroides* são compostas por vinte e uma cartas amorosas, em que as personagens são mitológicas, excluindo-se Safo<sup>1</sup> na epístola XV. Ovídio inspirou-se para compô-las tendo como base a épica e a tragédia. Ovídio baseou-se no poeta épico Homero, *Ilíada* e *Odisséia*, para as cartas de Penélope a Ulisses (I), de Briseida a Aquiles (III), as duplas de Párkis e Helena (XVI, XVII); no poeta trágico Eurípides para Fedra a Hipólito (IV), Cânace a Macareu (XI), Medeia a Jasão (XII) e Laodamia a Protesilau (XIII); no poeta romano Virgílio com a *Eneida* para a carta de Dido a Eneias (VII); no poeta Catulo, com o carme 64, para a de Ariadne a Teseu (X); em Calímacos para as cartas duplas de Leandro e Hero (XVIII, XIX) e de Acôncio e Cidipe (XX, XXI) e para carta da poetisa Safo (XV); em Apolônio de Rodes para cartas de Hipsípile e Medeia a Jasão (VI, XII); em Ésquilo para a de Hipermnestra a Linceu (XIV) e em Sófocles para a carta de Hermíone a Orestes (VIII) e de Dejanira a Hércules (IX).

*Heroides* significa heroínas, logo se percebe que tal título não se adéqua a todas as cartas, uma vez que dezoito cartas têm como remetentes as heroínas e três os homens. Esse fato é explicado por tal obra ter tido sua primeira edição com apenas quinze epístolas. Quanto a esse fato, atesta Bayet (1965, p. 274): "Les quinze dernières furent publiées entre 20 et 15. Les six dernières, qui comportent des réponses d'hommes, beaucoup plus tard (en 8 après J.-C): on a parfois douté de leur authenticité"<sup>2</sup>. Na segunda edição, Ovídio acrescentou as cartas duplas, são elas: de Páris e Helena, de Leandro e Hero e de Acôncio e Cidipe.

Na missiva XII, Medeia reconta a mitologia a partir de seu ponto de vista, antes, contudo, de fazermos a análise da carta, é



necessário lembrar o mito dos dois amantes. Jasão é enviado por Pélias, rei da Iolco, à missão de obter o velocino de ouro, como condição para o herói recuperar o trono que lhe era de direito. Chegando à Cólquida, nessa incumbência, o rei Eetes condiciona provas ao herói para poder conceder-lhe a pele de ouro do carneiro. Tais provas eram perigosas e deviam ser realizadas em um só dia, são elas: subjugar dois touros que exalam fogo pelas narinas, com eles arar um campo com dentes de um dragão, lutar com os guerreiros nascidos dessa semente, somente depois de vencidos os obstáculos, ele poderia enfrentar o dragão que guardava a pele de ouro. Julgando impossível sair vivo, Jasão é ajudado por Medeia, filha do rei Eetes, que estava apaixonada por ele. Segundo Grimal (2008), há uma tradição tardia em que a princesa aliou-se a Jasão por ser contra a política do pai e, dessa forma, ela fez o herói prometer que a desposaria, caso ela o ajudasse a completar seu desafio.

Medeia, que possuía conhecimentos sobre feitiços, deu ao herói um bálsamo que o protegeria. Quanto ao dragão, Medeia o fez adormecer para que Jasão roubasse o velo de ouro. De posse dele e acompanhado pela princesa, o herói fugiu. Na fuga, foram perseguidos pelo irmão da princesa, quanto a esse ponto, existem versões distintas: uma narra que Medeia matou e esquartejou seu irmão para atrasar a perseguição de seu pai; outra demonstra que teria sido o próprio herói o assassino do príncipe. De qualquer forma, o desfecho é o mesmo: o rei, tendo que recolher as partes do corpo do filho e depois encarregar-se de seu funeral, perdera os fugitivos de vista.

De volta à Iolco, Jasão cumpriu sua missão entregando o velocino de ouro a Pélias. Contudo, na ausência do herói o rei matara o pai dele Esão, assim, segundo a versão mais difundida pelo poeta grego Eurípides, Medeia para vingar tal morte fez com que o rei fosse morto pelas próprias filhas, por meio de seus feitiços. Por esse assassinato, o casal foi expulso da Iolco, sendo os dois obrigados a refugiarem-se em Corinto.

Viveram felizes durante alguns anos, até o dia em que o rei de Corinto, Creonte, decidiu casar o herói com sua filha, Creusa. Medeia, movida pela traição do amado, matou queimados sua rival e o rei, mais uma vez recorrendo aos seus encantamentos. Nas versões literárias de Eurípides e Sêneca, Medeia assassinou também os filhos que tivera com Jasão para vingar-se do esposo. Entretanto, em outra versão, Medeia tê-los-ia assassinado com o fim de protegê-los da ira do povo de Corinto; há ainda outra variante, as crianças foram mortas pela população de Corinto, uma





vez que teriam sido as crianças que tinham levado o presente fatal à princesa e ao rei, como atesta Brandão:

Existe uma versão segundo a qual a morte dos filhos pela própria mãe teria sido uma 'criação' de Eurípides. Na realidade, a tradição mais seguida no mito é a de que Feres e Mérmero teriam sido lapidados pelos habitantes de Corinto pelo fato de terem levado a Glauce<sup>3</sup> os presentes fatídicos de Medeia. (1987, p. 189).

Infelizmente, Medeia ficou marcada pela versão de Eurípides, carregando sobre si o estigma de mulher cruel, vingativa e impiedosa por ter matado os próprios filhos somente para que o marido sentisse uma dor incomensurável.

Nas *Heroides*, Jasão é definido, por Medeia, como perverso, *scelerate*, e traidor, do substantivo *perfidiae*, uma vez que ele a abandonou, mesmo depois de ter casado com ela e ter tido dois filhos. Ela ainda o culpa pelas coisas más que ela fez, como vemos no trecho:

Cur mihi plus aequo flauī placuere capilli  
Et decor et linguae gratia ficta tuae?  
Aut, semel in nostras quoniam noua puppis harenas  
Venerat audacis attuleratque uiros,  
Isset anhelatos non praemedicatus in ignes  
Inmemor Aesonides aeraque adunca boum;  
Semina icisset totidem quot seuerat [et] hostes,

Vt caderet cultu cultor ab ipse suo!  
Quantum perfidiae tecum, scelerate, perisset!  
Dempta forent capiti quam mala multa meo!<sup>4</sup> (XII, 11-20).

Por que teus cabelos loiros agradaram a mim mais do que o normal  
E tua beleza e a graça falaz de tua língua?  
Ou, por que, uma vez, a nova embarcação viera aos nossos litorais  
E trouxera homens audazes, que o ingrato filho de Esão  
Não tivesse ido, prevenido, em direção aos fogos  
Exalados e aos chifres de bronze dos bois.  
Que tivesse lançado tantas sementes, quantos inimigos semeara  
Para que o próprio cultivador fosse sacrificado pelo seu cultivo.  
Quanta traição teria morrido contigo, perverso!  
Tantas coisas más teriam sido tomadas de minha cabeça!<sup>5</sup>



A princesa, arrependida, lamenta ter-se encantado pela beleza de Jasão (*placere*) e ter acreditado nele (*linguae ficta tuae*). Ela se arrepende ainda por tê-lo ajudado, pois assim ele teria sucumbido, *caderet cultu cultor*, diante dos desafios. A morte do herói, *perisset*, evitaria que Medeia praticasse ações más, ou seja, ela justifica suas atitudes como decorrência do auxílio prestado a Jasão. Nessa passagem, ainda podemos ressaltar como o amor elegíaco relaciona-se à beleza física e à oratória, Medeia cita os cabelos loiros (*flavi capilli*) e a graciosidade da fala de Jasão (*gratia tuae linguae*).

A seguir, Medeia compara-se à rival, exaltando não as qualidades de cada uma, mas o que elas têm a oferecer ao herói:

Iussus inexpertam Colchos aduertere puppim  
Intrasti patriae regna beata meae.  
Hoc illic Medea fui noua nupta quod hic est;  
Quam pater est illi, tam mihi diues erat;  
Hic Ephyren bimarem, Scythia tenus ille niuosa  
Omne tenet, Ponti qua plaga laeua iacet. (XII, 23-28).

Obrigado a dirigir à Cólquida a embarcação inexperiente  
Chegaste ao feliz reino de minha pátria.

Lá eu, Medeia, fiz por ti o que aqui faz tua nova esposa;  
Tanto ela tem o pai rico quanto era o meu;  
Um tem Éfira banhada por dois mares, o outro tudo o que se estende  
Desde a região esquerda do Ponto Euxino até a Cítia nevosa.

Nesta passagem, Medeia sugere o que é valoroso ao herói: *pater diues*, ter um sogro rico; tanto era o de Medeia como é agora o da rival. De fato, tendo sido afastado de seu trono na Iolco, o herói não pôde usufruir de benefícios da realeza, logo ela acredita que Jasão buscou um sogro que lhe oferecesse o que ele havia perdido.

Medeia sabe onde sua desgraça começou:

Tunc ego te uidi, tunc coepi scire, quis esses;  
Illa fuit mentis prima ruina meae.  
Et uidi et perii nec notis ignibus arsi,  
Ardet ut ad magnos pinea taeda deos.  
Et formosus eras et me mea fata trahebant;  
Abstulerant oculi lumina nostra tui.  
Perfide, sensisti. Quis enim bene celat amorem? (XII, 31-37).





Então, eu te vi, então comecei a saber quem poderias ser;  
Essa foi a primeira ruína de minha alma.  
E vi-te e morri de amores e abrasei-me em chamas não conhecidas,  
Como inflama a tocha do pinheiro diante dos grandes deuses.  
E tu eras belo e meus destinos arrastavam-me;  
Teus olhos tinham ofuscado a minha vista.  
Pérfido, tu o percebeste. Quem, então, oculta tão bem o amor?

Tendo o herói percebido que Medeia se apaixonara por ele, Jasão aproveitou-se. A princesa relaciona o herói a sua ruína, *mentis prima ruina meae*, talvez porque a paixão que ela sentia a fez fazer tantas coisas insanas; destacam-se os verbos utilizados para qualificar seus sentimentos: *perii* (morri de amores), *arsis* (abrasei-me), eles denotam o sentimento avassalador experimentado por ela. Ainda no trecho, Medeia acredita que o herói tirou proveito, ao perceber a natureza este sentimento, *perfide, sensisti*. Essa passagem corrobora a relação do amor com a beleza física: Medeia apaixonara-se à primeira vista.

Jasão não era somente belo, ele também possuía habilidades persuasivas e enganou Medeia, nos trechos:

Orsus es infido sic prior ore loqui:  
"Ius tibi et arbitrium nostrae fortuna salutis  
Tradidit inque tua est uitaque morsque manu.  
Perdere posse sat est, siquem iuuet ista potestas:  
Sed tibi seruat gloria maior ero. (XII, 72-76).  
Tu começaste, primeiro, a falar assim com boca mentirosa:  
"A fortuna deu-te o direito e o arbítrio da minha salvação  
E está na tua mão tanto a vida quanto a morte.  
É demais poder causar a perdição de alguém, se a este tal poder agrada:  
Mas, salvo, serei a tua maior glória.

Haec animum (et quota pars haec sunt?) mouere puellae  
Simplicis et dextrae dextera iuncta meae.  
Vidi etiam lacrimas (an et ars est fraudis in illis?);  
Sic cito sum uerbis capta puella tuis. (XII, 89-92).

Estas palavras (e qual parte são estas?) e tua destra  
Unida a minha mão comoveram a alma desta simples jovem.  
Vi também tuas lágrimas (e acaso a arte do engano está nelas?!);  
Assim eu, menina, fui levada facilmente por tuas palavras.



Medeia julga que Jasão nunca a amou, que tudo que ele falou foi enganador (*infido ore*). Cabia à heroína decidir o futuro de Jasão: vida ou morte (*uitaque morsque*); contudo nada disso era verdadeiro (*ars fraudis*), eram artimanhas do filho de Eão para persuadir a princesa que, possuindo a mesma ingenuidade de uma criança (*puella*), acreditou nas palavras e lágrimas (*uerbis e lacrimas*) de Jasão.

Medeia menciona como o herói a vê, depois de tê-la abandonado:

Dotis opes ubi erant? ubi erat tibi regia coniunx  
Quique maris gemini distinet Isthmos aquas?  
Illa ego, quae tibi sum nunc denique barbara facta,  
Nunc tibi sum pauper, nunc tibi uisa nocens,  
Flammea subduxi medicato lumina somno  
Et tibi, quae raperes, uellera tuta dedi. (XII, 103-108).

Onde estavam as riquezas do dote? Onde estava tua régia esposa?

E o Istmo que separa as águas dos dois mares?

Eu era aquela, que para ti agora, por fim, tornei-me bárbara,  
Agora para ti sou pobre, agora para ti pareço nociva,  
Neutralizei os olhos flamejantes em sono enfeitiçado  
E a ti dei o velo de ouro em segurança para que o roubasses.

A repetição da expressão *nunc tibi* faz uma contraposição entre o passado e o presente, para marcar que Jasão vê Medeia de forma diferente: agora ela não é mais rica, *pauper*, e não possui mais benefícios, *uisa nocens*, ela é uma bárbara. Contudo, no passado, ela lhe tinha sido útil, pois ela adormeceu o dragão, protetor do velocino de ouro, *subduxi*, garantindo a ele a pele do carneiro, *dedi*, de forma segura, *tuta*.

Partindo do princípio de que o eu-lírico da carta é o feminino, é Medeia quem escreve, Ovídio julgou que, para tornar a personagem mais cara, era preciso atenuar ou omitir alguns fatos. Por isso, na passagem a seguir, há outra alusão a outro crime cometido por Medeia:

Sospes ad Haemonias uictorque reuerteris urbes;  
Ponitur ad patrios aurea lana deos.  
Quid referam Pellae natas pietate nocentes  
Caesaque uirginea membra paterna manu? (XII, 127-130).



Vitorioso e salvo, voltas às cidades hemônias;  
A lã de ouro é oferecida aos deuses pátrios.  
Por que eu relembriaria as filhas de Pélias, que feriram por amor filial,  
E os membros paternos cortados pela mão virginal?

A princesa relembra que provocou a morte do rei Pélias, pelas próprias filhas: levadas a acreditar que a magia de Medeia rejuvenesceria seu pai, as filhas esquitejaram-no; versão utilizada por Eurípides e aqui aludida por Ovídio. Também esse crime foi uma atitude de amor para com Jasão.

A seguir, a princesa da Cólquida menciona como o esposo a repudiou:

Ausus es (o! iusto desunt sua uerba dolori),  
Ausus es "Aesonia", dicere, "cede domo".  
Iussa domo cessi natis comitata duobus  
Et, qui me sequitur semper, amore tui.  
Vt subito nostras Hymen cantatus ad aures  
Venit et accenso lampades igne micant  
Tibiaque effundit socialia carmina uobis,  
Ei mihi funerea flebiliora tuba (XII, 133-140).

Ousaste (oh, faltam palavras para a justa dor),  
Ousaste dizer "sai do palácio de Esão".  
Obrigada, deixei o palácio, acompanhada por meus dois filhos  
E com meu amor a ti, que me segue sempre.  
De súbito vem aos meus ouvidos o Himineu cantado  
E as tochas brilham com o fogo aceso  
E a flauta envia versos nupciais a vós,  
Ai, para mim são mais lastimosos do que a fúnebre trombeta.

Tendo sido desprezada com seus dois filhos, Medeia teve de suportar o casamento do amado com Creusa, filha do rei Creonte; e, ao final da carta, talvez cansada de tantos lamentos e de tanto recordar ao marido todas as suas provas de amor, Medeia começa a desferir ameaças veladas à rival. De acordo com o mito, Creusa foi morta incendiada ao receber um presente enviado por Medeia. Na epístola, encontra-se somente uma alusão ao que pode acontecer:

Forsitan et, stultae dum te iactare maritae  
Quaeris et infestis auribus apta loqui,  
In faciem moresque meos noua crimina fingas



Rideat et utiis laeta sit illa meis;  
Rideat et Tyrio iaceat sublimis in ostro.  
Flebit et ardores uincet adusta meos. (XII, 175-180).

Talvez e, enquanto procures mostrar-te orgulhoso da tola esposa  
E proferir discursos convenientes às orelhas hostis,  
Finjas novos crimes contra mim e meus costumes.  
Que aquela ria e esteja alegre de meus vícios  
Que ria e deite, sublime, no tecido de púrpura de Tiro!  
Chorará e provará, queimada, os meus ardores.

Neste excerto, vale notar as atitudes do herói com a nova esposa: Jasão enaltece-a e desqualifica Medeia. A Creusa e a seu povo, só convém serem narrados os defeitos da rainha de Cólquida, tanto no caráter quanto nos costumes. Foi ela quem cometeu os crimes, não Jasão. Com a anáfora, nos versos 173 e 174, *rideat*, enfatiza-se a alegria que a rival deve estar sentindo, contudo, há o contraponto, no verso seguinte, com o verbo *flebit*: que Creusa ria, pois, no fim, chorará. É importante também ressaltar os modos verbais: *rideat*, *laeta sit* e *iaceat*, todos no subjuntivo indicando uma possibilidade e *flebit* e *uincet*, no futuro do indicativo, para demonstrar um fato real.

No decorrer de nossa análise, verificamos que no gênero elegíaco os feitos heroicos não são valorizados; ao contrário, os feitos são depreciados, sobretudo, em relação às atitudes tomadas em face do amor. Se na elegia ocorre a lamentação amorosa, nas *Heroides*, Medeia queixa-se de Jasão. No amor, ele não é herói, ele é ardiloso, manipulador e mentiroso. Jurou a Medeia amor e fidelidade e aproveitou-se dela, enquanto esta lhe era útil. Mas, no amor, não há sempre queixas?

## Referências

BORNECQUE, Henri. Introduction. In: OVIDE. *Héroïdes*. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. v. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. v. 3. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.





EZQUERRA, Antonio Alvar. La elegía latina entre la república y el siglo de Augusto. In: MERINO, Carmen Codoñer (Org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Ed. Cátedra, 2007.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

GAFFIOT, Félix. *Le grand Gaffiot dictionnaire latin/français*. Paris: Hachette, 2000.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

\_\_\_\_\_. *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.

\_\_\_\_\_. *O amor em Roma*. Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

OVIDE. *Héroïdes. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Marcel Prévost*. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha Pereira. *Estudos de história da cultura clássica II. Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

## RESUMO

Neste trabalho, nosso intento é apresentar a caracterização da personagem Jasão nas *Heroides*, do poeta romano Ovídio. A partir do ponto de vista de Medeia, remetente da epístola XII que compõe as *Heroides*, o herói mitológico é apresentado de forma distinta de outras obras literárias: seus feitos heroicos sofrem uma desvalorização e Medeia tenta demonstrar os defeitos de Jasão. Palavras-chave: *Heroides*. Elegia. Mitologia. Visão subjetiva. Medeia. Jasão.

## ABSTRACT

In this work, our intent is to characterize Jason in *Heroides*, written by Roman poet Ovid. From the point of view of Medeia, the sender of the letter XII of *Heroides*, the mythological hero is



presented differently from the others literary works: his heroic deeds are depreciated and Medea tries to demonstrate Jason's defects.

Keywords: *Heroides*. Elegy. Mythology. Subjective view. Medea. Jason.

## Notas

.....  
<sup>1</sup> Doutoranda em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde concluiu mestrado no mesmo Programa de Pós-Graduação, em 2011. Entre seus temas de interesses destacam-se: gramática latina, formação das línguas neolatinas a partir do latim vulgar, literatura latina da época clássica, sobretudo a produção literária de Ovídio, Virgílio e Horácio e a literatura latina renascentista.

<sup>2</sup> Safo destoa das *Heroides*, por ser uma personagem histórica.

<sup>3</sup> "As quinze primeiras foram publicadas entre 20 e 15 a.C. As seis últimas, que contêm as respostas dos homens, muito mais tarde, por volta de 8 d.C.: por vezes, duvidou-se de sua autenticidade".

<sup>4</sup> Glauce é usada por Brandão, contudo Grimal usa a forma Creusa, que foi a escolhida em nossa abordagem.

<sup>5</sup> Os trechos em latim são retirados da edição crítica da *Les Belles Lettres*, 1928.

<sup>6</sup> Todas as traduções citadas são de nossa autoria.

